



UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Faculdade de Letras

Beatriz Maciel Jevoux de Carvalho

“Filhos de sangue”, de Octavia Butler:

relações hierárquicas, reprodução controlada e vulnerabilidades

Rio de Janeiro

2025

Beatriz Maciel Jevoux de Carvalho

“Filhos de Sangue”, de Octavia Butler:

relações hierárquicas, reprodução controlada e vulnerabilidades

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à graduação em Letras
Português - Literaturas de língua
portuguesa da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito para a obtenção
do título de Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof^o. Doutora Júlia Braga Neves

Rio de Janeiro

2025

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha mãe, que sempre me incentivou a sonhar alto e trabalhar duro para realizar tudo que estivesse ao meu alcance. Meu pai, que sempre esteve ao meu lado, apoiando cada centelha criativa e me encorajando a perseguir qualquer ideia fora do comum, inclusive esta. Aos meus irmãos, agradeço o apoio e o carinho durante todo o processo.

Também gostaria de agradecer aos professores da UFRJ, que abriram portas do conhecimento e me acolheram na Instituição, fazendo desse espaço um lugar humanizado e afetivo. Gostaria de destacar a minha orientadora Prof^o. Doutora Júlia Braga Neves, pela infinita paciência e conselhos durante a escrita deste trabalho.

À todos que apoiaram, incentivaram, participaram e acreditaram comigo, o meu muito obrigada!

Resumo

CARVALHO, Beatriz Maciel Jevoux de. Filhos de Sangue: relações hierárquicas, reprodução controlada e vulnerabilidades. Monografia (Graduação em Letras Português - Literaturas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2025.

Este trabalho pretende analisar o conto “Filhos de sangue”, de Octavia E. Butler, levando em consideração questões de gênero, hierarquizações sociais e políticas de controle de corpos e sexualidades. A análise começará com uma contextualização da obra da autora, a importância do conto e o seu posicionamento no campo da ficção científica. Então, pensará nas relações familiares e hierárquicas, problematizando as questões sociais de afetos controlados pelo Estado e ameaças veladas de violência. Pensaremos, também, nas políticas de convivência de seres que não atendem a códigos normativos de gênero e sexualidade, englobando subjetividades e peculiaridades de uma ficção atenta a corpos dissidentes das noções de humano e não-humano, masculinidade e feminilidade. Questionaremos, por sua vez, como essas relações apresentam outras formas de amor, conexão e família, ainda que em um contexto de controle e manipulação. Essa análise será feita a partir de uma bibliografia variada que compreende ficção científica, feminismos e filosofia.

Palavras-chave: ficção-científica; hierarquia; gênero; sexualidade.

SUMÁRIO

<u>Introdução</u>	6
1.1 - Consciência de vulnerabilidade e afetos	11
2.1 - Questões de gênero	17
2.2 - Sexualidade controlada	20
Conclusões finais	23

Introdução

A Ficção Científica é um gênero que possibilita a criação de mundos e seres distintos, oferecendo uma plataforma para explorar temas sociais, culturais e políticos sob uma nova perspectiva. Através de cenários futuristas, tecnologias avançadas e encontros com espécies alienígenas ou não-humanas, autores de Ficção Científica desafiam os leitores a questionar valores e estruturas de poder enraizadas na sociedade contemporânea. Dentro desse contexto, Octavia E. Butler se destaca como uma das vozes mais influentes por sua abordagem inovadora das relações de poder entre seres humanos e não-humanos.

Em suas obras, Butler constrói universos onde as relações hierárquicas entre as personagens são centrais para a narrativa, explorando temas de dominação, adaptação, cooperação, sobrevivência e resistência. Apesar de mais conhecida por seus romances¹, como *Kindred* (1979), *Parábola do Semeador* (1993) e a *Trilogia Xenogenesis* (1987-1989), Butler consegue, em seus contos, criar universos únicos e personagens complexos em poucas páginas. Questões como amor, sexualidade, família, humanidade e corporalidade estão frequentemente em foco e são apresentadas de formas inusitadas pela autora de modo que o leitor pode vir a questionar a própria maneira de se relacionar e interagir com o mundo. Como afirma Hampton, “Butler escreve consistentemente sobre corpos que transcendem os discursos normativos/ocidentais, incentivando os leitores de sua ficção a repensarem o corpo e o eu”² (Hampton, 2010, p. 23, tradução minha).

Butler, portanto, cria seres fantásticos para falar de classe, raça e feminismo, trazendo para sua ficção uma profundidade necessária para “reavaliar políticas patriarcais do pensamento filosófico Ocidental”³ (Helford, 1994, p. 261, tradução minha). Em *Kindred* (1979), Butler examina relações familiares e de classe ao descrever uma mulher negra que viaja no tempo e conhece seus ancestrais, negros e brancos, e é confrontada com a violência que marcou a sua história – até então desconhecida. Já no conto “Sons da Fala” (1983), a autora explora um mundo assolado por uma doença que

¹ “Sou essencialmente uma romancista. As ideias que mais me interessam tendem a ser grandiosas. Explorá-las exige mais tempo e espaço do que um conto pode conter. Ainda assim, vez ou outra, um dos meus contos é um conto de verdade.” – Octavia Butler em nota de *Filhos de Sangue e outras histórias* (2020).

² “... Butler consistently writes bodies beyond the normative/Western discourses with the result of encouraging readers of her fiction to rethink the body and the self.” (Hampton, 2010, p. 23)

³ “...a reexamination of the patriarchal politics of Western philosophical thought.” (Helford, 1994, p.261)

impede a comunicação (oral ou escrita), e como, ainda assim, a busca por afeto e conexão é um dos maiores incentivos para a sobrevivência humana.

Este trabalho pretende analisar o conto “Filhos de sangue” (“Bloodchild”, no original), pensando as diferentes corporalidades, questões de gênero e relações sociais de poder. Esse conto foi escolhido por conseguir abranger temas como amor, violência, controle e autonomia corporal e política.

O conto acompanha a vida de um menino (Gan) e sua passagem para a vida adulta a partir de um momento traumático. Gan e sua família, que são todos humanos, coabitam um planeta com uma espécie chamada Tlics, que se reproduzem a partir da inserção de ovos em um corpo hospedeiro, preferencialmente de homens humanos. O momento traumático acontece quando Gan presencia um homem humano no final de uma gestação de larvas alienígenas, e as consequências desse processo violento e doloroso. Gan, então, passa a compreender melhor a relação entre humanos e Tlics, e entra em embate direto com sua companheira alienígena T’Gatoi, uma funcionária de alto escalão de seu governo e responsável pela criação de acordos entre as duas espécies. Assim, o jovem é confrontado com uma escolha que muda sua relação com T’Gatoi: ser hospedeiro de uma nova geração alienígena, ou deixar que sua irmã mais velha assuma esse papel.

Capítulo 01 - Família e relações de poder

O conto “Filhos de sangue” (1984) promove uma nova perspectiva acerca das relações de amor, família e poder. Em uma realidade em que os humanos precisaram migrar de seu planeta de origem e encontrar abrigo em um novo e distinto ambiente, as relações são construídas a partir de acordos – mútuos ou não – com os seres que previamente habitavam esse espaço. Esse contexto é, portanto, o início de um processo de vulnerabilidade e de necessidade de adaptação que se torna ponto valioso para o entendimento das relações que são construídas no conto de Butler.

A história acompanha uma família humana composta por uma mãe (Lien) e seus quatro filhos, e a adaptação de cada um a um planeta estrangeiro e seus habitantes. Adjacente a essa família e, por vezes, parte do núcleo familiar, a alienígena T’Gatoi, da raça Tlic, é apresentada logo no início da narrativa. Ela está presente na vida da família

desde a mocidade de Lien, ainda que ela apresente características físicas e culturais muito distintas das personagens humanas. Seu corpo, descrito como um corpo com “vários membros” e de grande proporções, imediatamente a coloca em uma posição de estrangeiro às outras personagens. Apesar das diferenças, a personagem é uma presença constante na vida dos humanos e é considerada uma influência na construção familiar:

(Minha mãe e T’Gatoi) Tinham crescido juntas, de certa forma [...] Elas se conheceram quando T’Gatoi estava entrando em um período de desenvolvimento acelerado, uma espécie de adolescência tlic. Minha mãe era filha única, mas por algum tempo elas se desenvolveram no mesmo ritmo e não tinham amigas melhores do que uma à outra.

T’Gatoi até apresentou minha mãe ao homem que se tornou meu pai. (Butler, 2020, p. 22)

O conto é narrado por Gan, filho do meio e personagem principal na história. Gan possui uma relação especial com a companheira alienígena, e demonstra não assimilar as complexidades da relação dela com o restante da família. Sua relação com T’Gatoi começa desde o momento de seu nascimento, e isso explica a familiaridade entre os dois: “Disseram-me que fui engaiolado pela primeira vez entre os muitos membros de T’Gatoi apenas três minutos depois do meu nascimento” (Butler, 2020, p. 23). Gan apresenta uma inocência acerca dos questionamentos dos outros membros da família. Sua confusão é aparente através de mecanismos de linguagem, que denotam a ingenuidade de uma criança que cresceu em um ambiente que não compreende em sua totalidade. Ele percebe sinais sutis de desconforto da mãe; olhares tristes e preocupados, e uma rebeldia calada do irmão mais velho, mas inicialmente não sabe o que esses gestos significam: “Até meu irmão, que por alguma razão cresceu temendo e desconfiando dos tlics, poderia tranquilamente ter entrado para uma de suas famílias se tivesse sido adotado cedo o suficiente” (Butler, 2020, p. 23).

Para compreender as questões da mãe e do irmão mais velho (Qui), precisamos contextualizar as condições de convivência entre seres humanos e não-humanos. Quando os humanos migraram para esse novo planeta encontraram seres de três metros com “costelas, uma longa coluna, um esqueleto, quatro conjuntos de ossos nos membros em cada segmento” (Butler, 2020, p. 23). Esses seres, da raça Tlic, se reproduzem colocando ovos em corpos hospedeiros (antes da chegada dos humanos utilizavam animais nativos para isso) que, ao eclodirem, tornam-se larvas que consomem a própria

casca e, então, o corpo que os hospedam. Com a chegada dos humanos, os Tlics passam a utilizar esses novos corpos para a reprodução, tratando-os como animais não racionais, enjaulando e reproduzindo-os entre si para garantir novas gerações de hospedeiros.

Os ovos, mencionados como único alimento disponível às primeiras gerações de humanos a habitar o novo planeta, possuem valor alucinógeno e estendem a vida dos humanos que os consomem. Eles mantêm os humanos que os consomem em um estado inebriado e fora da realidade, incapazes de se movimentarem com rapidez e precisão; são, portanto, utilizados como ferramenta para apaziguar e controlar os humanos. Apesar de serem apresentados como presentes valiosos para a família, Lien se recusa a consumir os ovos. Gan não compreende por que ela escolhe envelhecer mais rápido e não desfrutar das propriedades alucinógenas dos ovos.

Após esse primeiro momento de contato entre espécies, acordos são criados para uma melhor convivência. Um desses acordos estabelece a criação de Reservas onde humanos podem viver em seus núcleos familiares, com a concessão de que tomem um Tlic como companhia e, posteriormente, dêem uma criança para ser hospedeiro da próxima geração alienígena. Esse é o caso de Gan, criado com o conhecimento de que fora escolhido por T’Gatoi para ser hospedeiro de suas crias e, portanto, seu favorito no núcleo familiar. T’Gatoi é uma grande líder política dos Tlics, principalmente acerca de questões de convivência entre espécies - ela é quem cria a Reserva que a família chama de lar, e é quem se coloca entre os humanos e os possíveis perigos dos Tlics de fora:

Quando eu era menor, minha mãe sempre tentava me dizer como me comportar com T’Gatoi, como agir de forma respeitosa e ser sempre obediente, porque T’Gatoi era funcionária do governo Tlic responsável pela Reserva e, portanto, a mais importante de sua espécie a lidar diretamente com os terráquios. (Butler, 2020, p. 17-18)

Dessa forma, T’Gatoi é a “única coisa que se colocava entre nós e aquele desespero que poderia facilmente nos engolir” (Butler, 2020, p. 19). Apesar de ter essa consciência, Gan inicialmente não percebe o quanto isso os torna vulneráveis às demandas e vontades da Tlic. Isso porque, além da proximidade e convívio, T’Gatoi utiliza o afeto que tem por Gan como forma de manipular o menino. Gan recebe a maior porção de ovos alucinógenos, é frequentemente envolvido nos afagos feitos pelos múltiplos membros da Tlic, e é sua companhia para viagens importantes para discutir a política entre espécies. T’Gatoi mostra de maneira sutil os benefícios de sua proteção,

assim como os perigos de sua ausência, e utiliza ferramentas linguísticas e experiências para instigar emoções que a servem. Ao levar Gan para fora da Reserva, T’Gatoi o apresenta para Tlics que nunca tiveram contato com seres humanos antes, e que anseiam pelo conforto e promessa da próxima geração: “Eu havia morado no exterior com ela. Tinha visto como as pessoas olhavam para mim com avidez desesperada” (Butler, 2020, p. 19). Esses Tlics muitas vezes se mostram violentos, erráticos e imprevisíveis, e, portanto, uma ameaça à segurança da Reserva. As viagens para o exterior mostram a Gan como seria sua vida sem a proteção de T’Gatoi, e o jovem absorve a experiência com um sentimento de gratidão e conforto, alheio à manipulação da companheira. Gatoi consegue sutilmente criar situações em que parece ajudar os seres humanos de forma altruísta e generosa, construindo sua relação com Gan a partir dessa oposição entre o amor e afeto, e a ameaça velada de violência.

T’Gatoi é uma personagem complexa, ao mesmo tempo carinhosa, controladora, manipuladora, cuidadosa e companheira. Sua presença no núcleo familiar, para alguns como parte da família e para outros um símbolo do controle ao qual estão submetidos, é uma representação do Estado alienígena, que regulamenta as relações ali estabelecidas e sugere uma “pacificação” forçada através de ameaças de violência àqueles não complacentes. Gatoi se mostra confortável no ambiente familiar, tratando esse espaço como seu:

“T’Gatoi não tinha interesse em se sentir honrada na casa que considerava um segundo lar. Ela simplesmente entrava, subia em um de seus sofás especiais e me chamava para aquecê-la. Era impossível ser formal enquanto me recostava nela e a ouvia reclamar, como sempre, que eu estava muito magro.” (Butler, 2020, p. 18)

Esse espaço do lar, normalmente compreendido como acolhedor e familiar, é ocupado pela presença de um ser que representa um Estado frequentemente em embate com o bem estar dos seres humanos. Dessa forma, ele deixa de ser confortável e torna-se mais um símbolo de um cerceamento de direitos e autonomia, ou seja, nem mesmo no ambiente familiar os humanos possuem segurança e acolhimento. Em seu livro *Imagem e Violência* (2012), Rose Satio Hikiji disserta sobre as quebras de expectativas de lugares cotidianos como ferramentas para traduzir incômodos e desconfortos ao espectador/leitor. A invocação de imagens geralmente associadas com segurança e, subsequentemente, a deturpação desse sentimento causam uma quebra de

expectativa, promovendo uma reflexão acerca da naturalização de desconfortos. O que Butler faz é retratar o lar como território invadido, ocupado e controlado e, ainda assim, uma representação de familiaridade e conforto. É essa oposição de sentimentos que deixa o leitor em um estado de alerta, desconfortável com a percepção da ambiguidade que um espaço pode apresentar.

A relação de Lien e T’Gatoi, em contraste à de Gan, é marcada por um entendimento das posições sociais em que as duas se encontram. Apesar de se conhecerem desde a mocidade, Lien é obrigada a prometer um de seus filhos para a alienígena, e isso parece promover um grande ressentimento. O antagonismo de Lien também ocorre pela compreensão de que a segurança de sua família não está mais no seu controle, e sim no de T’Gatoi. Dessa forma, Lien recorre a uma busca por autonomia em pequenos gestos de insubordinação que são mais autopunitivos do que expressivos: ela não se alimenta dos ovos que T’Gatoi oferece e não aceita o conforto entorpecente que as ferroadas alienígenas podem oferecer, por exemplo. T’Gatoi, entretanto, não pede permissão para ferrear Lien, pelo contrário, ela faz o que acredita ser melhor para a humana sem o seu consentimento:

– Por que você fez isso? – perguntou ela, soando quase adormecida.

– Não conseguia mais olhar você sofrendo.

Minha mãe conseguiu mover os ombros em uma pequena contração desdenhosa.

– Amanhã – disse.

– Sim. Amanhã você retoma seu sofrimento, se é o que deseja. Mas por enquanto, só por enquanto, deite-se aqui, me aqueça e deixe-me aliviar um pouco seu fardo.

– Sabe, ele ainda é meu – [...] – Nada pode comprá-lo. (BUTLER, 2020, p. 20-21)

T’Gatoi, portanto, não respeita a autonomia corporal de Lien, e exerce seu poder naturalmente sobre os humanos sob sua tutela. Esse embate entre as duas amigas coloca em evidência a posição hierarquizada de uma espécie sobre a outra. Lien é uma personagem que compreende sua vulnerabilidade mas não possui outras ferramentas que não sejam pequenas desobediências. Se considerarmos a visão de Bell Hooks de que “[a]pesar de esmagadoras evidências contrárias, ainda aceitamos que a família é a escola primordial para o amor” (Hooks, 2021, p. 42), a relação entre Lien e T’Gatoi molda como as crianças desse núcleo familiar entendem conexões afetivas. Isso porque

a presença de T’Gatoi representa camadas sociais complexas para a família. Por um lado, foi uma larva nascida do corpo do pai de Gan, e apresentou esse pai para Lien, auxiliando na formação do casal e, conseqüentemente, no nascimento das crianças. Se o processo de hospedar os ovos Tlics no corpo humano for considerado uma forma de “gestação”, então o pai de Gan possui, além da relação afetiva de convivência, uma conexão de parentesco com T’Gatoi. Nesse sentido, a alienígena pode ser percebida como parte integral do núcleo familiar, por sua convivência, afinidade, consanguinidade e proximidade. Entretanto, se o processo de reprodução for entendido como parasitário, T’Gatoi não teria uma relação de consanguinidade com o pai de Gan (falaremos mais sobre reprodução e sexualidade no capítulo 02), mas ainda teria os outros três fatores de conexão com a família. Esse fato faz com que as definições normativas de família sejam questionadas. Por outro lado, T’Gatoi também é uma presença política dentro do núcleo familiar, ainda que com o convívio afetuoso, ela representa um Estado controlador e regrado que permeia as relações afetivas ali presentes. T’Gatoi é, portanto, contraditoriamente familiar e alienígena, e as experiências vividas com ela, inclusive as traumáticas, são complexas e profundas. É importante compreender que situações traumáticas muitas vezes trazem consigo sentimentos ambíguos e contraditórios. Muitas vezes, o trauma é reduzido a sentimentos negativos: dor, restrição, injustiça, sofrimento. A realidade, porém, pode ser plural: é possível experimentar amor e controle; prazer e manipulação, afeto e restrição (Cvetkovich, 2003). Como Ann Cvetkovich diz em seu livro *Um Arquivo de Sentimentos* (2003), o trauma pode aflorar respostas das mais diversas, inclusive em contextos culturais e afetivos.

1.1 - Consciência de vulnerabilidade e afetos

O filho mais velho, Qui, possui um posicionamento parecido com o de sua mãe. Qui também compreende a relação hierarquizada com os seres Tlic, e se ressentido da falta de autonomia com o próprio corpo e destino. Sua revolta com a posição social que ocupa é transmitida em ações menos autopunitivas do que as de Lien, mas igualmente frustradas e infrutíferas: “ – É. Idiota. Fugir dentro da Reserva. Fugir dentro de uma gaiola.” (Butler, 2020, p. 36). Ao compreender que não conseguiria fugir do controle de T’Gatoi e, portanto, do governo Tlic, Qui mantém distância da alienígena e a enxerga como uma estranha em sua casa. A natureza desse estranhamento, porém, é questionada

por seu irmão, que debate se Qui sentiria a mesma repulsa se tivesse sido criado desde recém-nascido por uma companhia alienígena, como ele próprio foi. Gan não consegue dividir essas dúvidas diretamente com o irmão, uma vez que a diferença em seus posicionamentos os distanciam com o tempo:

Éramos próximos quando crianças. Ele permitia que eu o seguisse por toda parte quando estava em casa e, às vezes, T’Gatoi deixava que ele viesse comigo quando me levava para a cidade. Mas algo aconteceu quando ele chegou à adolescência. Nunca soube o quê. (Butler, 2020, p. 34)

Esse momento marca uma grande diferença na formação dos dois irmãos, a questão entre uma criação em contato com o diferente (caso de Gan), e a consciência da própria vulnerabilidade em relações hierárquicas (caso de Qui). Qui sente repulsa com o contato com T’Gatoi, mas o mesmo toque que o desagrada representa acolhimento para o irmão que sempre conheceu e é acostumado com a alienígena. Por quê há, então, diferentes reações em crianças criadas no mesmo ambiente?

De acordo com Sara Ahmed, em *The Cultural Politics of Emotion* (2014), as emoções podem ter direções diferentes de impacto, ou seja, podem surgir de “dentro para fora” (psicológicas) e de “fora para dentro” (sociológicas). O entendimento de Qui sobre a relação que T’Gatoi tem com sua família, suas implicações políticas, e o controle que ela tem sobre os corpos e o destino dos humanos tem uma natureza sociológica. Isso se manifesta em seu corpo com a sensação de “engaiolamento” ao toque de T’Gatoi, sensação essa compartilhada pelos membros da família, com exceção de Gan e da irmã mais velha: “Dizia que aquilo os fazia se sentirem engaiolados.” (Butler, 2020, p. 20). É uma reação de “fora para dentro”. Qui demonstra seus reais sentimentos com olhares desconfortáveis, ausência no âmbito familiar e, por fim, discutindo com Gan.

Ao confrontar o irmão mais novo, Qui utiliza palavras como “animais hospedeiros” e “larvas”, além de descrever o processo de reprodução Tlic sem a romantização que Gan apresenta: “Vi as larvas comendo até saírem, e depois voltarem para dentro do corpo para continuar comendo.” (Butler, 2020, p. 35). Qui enxerga o processo como violento e perigoso para os humanos, e não tem apego emocional às crias Tlics. O confronto entre os irmãos ocorre quando um homem humano aparece em processo de “parto” sem a companheira alienígena para auxiliá-lo. Nesse contexto, Qui

deixa claro que se ressentiria de ser obrigado a passar pelo processo de reprodução, e não se importaria com as larvas dentro de si:

“ – Você chamaria por ela. O ferrão dela aliviaria a sua dor sem matar as larvas dentro de você.

– Você acha que eu me importaria se elas morressem?” (Butler, 2020, p. 35)

Suas palavras para Gan denotam o desprezo que sente pelos Tlics, e o seu ressentimento frente a falta de autonomia corporal e política. Qui questiona, pela primeira vez, a relação amigável do irmão em uma situação de controle, e essa conversa é ponto essencial para a transição de Gan de um lugar de ignorância para uma reflexão mais profunda acerca da própria vulnerabilidade. Qui fala sobre a escolha alienígena de não inserir ovos em mulheres humanas como uma escolha manipuladora e egoísta, compreendendo que o intuito não é manter famílias unidas, e sim garantir uma reprodução que preserve a espécie humana e a próxima geração de corpos aptos a serem inseminados: “Para suprirem a geração seguinte de animais hospedeiros – disse ele, trocando o desdém pela amargura.” (Butler, 2020, p. 36). Gan é pego de surpresa pelo discurso, e passa a questionar se o que acredita ser um vínculo afetivo e carinhoso é, na verdade, apenas uma relação de parasita e hospedeiro: “ – É mais do que isso! – contestei. Será que era?” (Butler, 2020, p. 36).

O ressentimento de Qui em relação a T’Gatoi vem a partir de um entendimento da posição de vulnerabilidade dele e de sua família. Esse entendimento não nasce com Qui, é construído pela observação da conexão de Lien e T’Gatoi e de experiências vividas pelo jovem. Assim, aos poucos, a rebeldia de Qui toma forma em atitudes desesperadas e, por fim, em uma revolta: “Ele começou a se manter longe de T’Gatoi. Depois, começou a fugir, até perceber que não existia ‘fuga’. Não dentro da Reserva. Nem fora, com certeza.” (Butler, 2020, p. 34).

Segundo Judith Butler, “a vulnerabilidade não se reduz a uma particularidade ou a uma disposição episódica de um corpo distinto, mas é, na verdade, um modo de relação que repetidas vezes coloca algum aspecto dessa distinção em questão” (Butler, 2019, p. 144). Qui entende que a corporalidade humana, no ambiente Tlic, está em uma posição de vulnerabilidade. O que os fazem atrativos para a raça alienígena (o calor corporal e a possibilidade de gestar crias) é exatamente o que os coloca em perigo em um ambiente que não tem a intenção de incorporá-los como iguais.

O afeto de Gan por T’Gatoi, por sua vez, proveniente de uma relação desde a primeira infância, representa acolhimento e familiaridade. É um sentimento de “dentro para fora”, psicológico, que se manifesta em seu corpo quando T’Gatoi o toca: “Sempre achei confortável me deitar daquele jeito, mas, com exceção de minha irmã mais velha, mais ninguém da família gostava.” (Butler, 2020, p. 20).

Paralelamente, Xuan Hoa, irmã mais velha da família, nutre sentimentos similares aos de Gan para com T’Gatoi: “Minha irmã gostou dela logo de cara e queria ser escolhida, mas minha mãe estava no final da minha gestação e T’Gatoi gostou da ideia de escolher um bebê, a fim de observar e participar de todas as fases do desenvolvimento” (Butler, 2020, p. 22). Hoa constrói uma relação próxima com T’Gatoi, e frequentemente demonstra seu afeto esquentando a Tlic e sendo “engaiolada” por ela. Essa proximidade com Gatoi a coloca em uma relação complexa com Gan. Por um lado, ambos dividem um amor pelo mesmo ser, e isso os aproxima “ela se sentou ao meu lado e pegou minha mão. Sempre fomos unidos, ela e eu.” (Butler, 2020, p. 21). Por outro lado, esse afeto cria uma situação de disputa entre os irmãos, uma vez que ambos desejam a atenção da Tlic. As emoções de Hoa são predominantemente de ternura e prazer, e ela não parece ter consciência das questões políticas e de controle que permeiam essas relações. Assim, o núcleo familiar é dividido em dois lados emocionais: Lien e Qui, que entendem a relação hierárquica e política com T’Gatoi; e Gan e Xuan Hoa, que, pelo menos inicialmente, não compreendem as complexidades dessa relação. Para Gan, porém, esse paradigma é quebrado no que ele chama de “a última noite de minha infância” (Butler, 2020, p. 17).

Capítulo 02 - Gênero e sexualidade

No início da migração de humanos para o planeta habitado por Tlics, a relação entre as espécies aconteceu de forma violenta e controladora. Os seres Tlics viam os humanos como animais, bons para gestarem seus ovos e nada mais. Esse tipo de reprodução acontecia sem cuidado e consentimentos dos seres humanos, e era apenas uma relação transacional:

Na época em que os Tlics não nos viam como algo além de animais grandes, úteis e de sangue quente, eles nos encurralavam juntos, machos e fêmeas, e nos

alimentavam apenas com ovos. Assim, podiam ter certeza de obter uma outra geração de nossa espécie por mais que tentássemos resistir. Tivemos sorte por eles não continuarem com isso por muito tempo. Em algumas gerações, seríamos pouco mais que animais grandes e úteis. (Butler, 2020, p. 24)

Com o tempo e a ajuda de facções políticas alienígenas que viam os seres humanos como animais racionais, foram criadas Reservas em que os humanos poderiam viver sem a violência anterior, contanto que ainda gestassem ovos para a raça Tlic. O novo acordo era melhor do que o encarceramento, uma vez que permitia a construção de famílias humanas e um nível de “proteção” em troca de uma criança para a gestação da nova geração alienígena: “Mas, em algum momento antes de minha irmã mais velha nascer, minha mãe prometeu dar a T’Gatoi uma de suas crianças. Ela teria de dar um de nós a alguém, e preferiu T’Gatoi a um estranho.” (Butler, 2020, p. 22). Esse acordo, ainda que melhor que o antigo, continua uma séria coerção imposta a toda uma espécie em situação de vulnerabilidade. Seriam os humanos, nesse caso, apenas animais hospedeiros de gestações não desejadas? E se sim, poderíamos chamar essa relação de amorosa?

Para melhor compreender a relação entre as raças humana e Tlic, é necessário entender a reprodução da última. Os seres Tlics se reproduzem misturando a genética de dois seres da mesma espécie em ovos, e precisam de um outro ser para gestar as crias, ou seja, são seres que apresentam uma reprodução similar a de parasitas, que necessitam de um hospedeiro para a procriação. Antes da migração humana, Tlics utilizavam animais para a gestação de ovos, e suas crias, ao nascer, se alimentavam do corpo dos animais até que esses sucumbissem. Dessa maneira, um corpo hospedeiro saudável era de extrema importância para a continuação da espécie, e a relação entre Tlics e animais era apenas parasitária. O corpo humano, entretanto, se mostrou melhor para esse tipo de reprodução, uma vez que produziu crias maiores e mais saudáveis. A relação, como já mencionado, era transacional e sem consentimento, com benefícios apenas para a raça Tlic. Gan tem consciência dessa parte da história, mas atribui esse momento violento a uma falta de comunicação e entendimento entre as espécies. Ele não entende essa relação em termos de poder e controle, e sim como um processo difícil proveniente de um primeiro contato entre duas espécies muito distintas. Isso é mencionado no conto a partir de descrições do próprio narrador-personagem, que comenta esse momento histórico sem uma reflexão aprofundada sobre o sofrimento vivido pela própria espécie.

Com o tempo e a maior convivência entre espécies, essa relação evoluiu para um acordo em que cada família humana prometeria uma de suas crianças, de preferência um corpo de genética XY, para ser usada como hospedeira de ovos Tlics. Assim, corpos humanos com cromossomos XX estariam aptos a gestar crianças humanas, garantindo uma próxima geração de hospedeiros para alienígenas, e livres para formar famílias se assim desejassem. Além disso, aqueles escolhidos como hospedeiros não precisariam morrer quando os ovos eclodissem porque, se ajudados por seus companheiros alienígenas, os ovos podem ser extraídos antes de as crias começarem a consumir a carne humana. A necessidade do companheiro alienígena para tornar o processo menos doloroso (através de ferroadas alucinógenas) demonstra, mais uma vez, uma dependência da humanidade para sobreviver a essas condições hostis e controladoras. O acordo entre espécies representa riscos possivelmente mortais para os humanos, enquanto a raça Tlic permanece em uma posição privilegiada. Em troca, os humanos receberiam proteção para viver em Reservas, onde não seriam assediados e violentados por Tlics desesperados para reproduzir:

Apenas ela [T’Gatoi] e sua facção política se colocavam entre nós e as hordas que não compreendiam por que havia uma Reserva, por que nenhum terráqueo podia ser cortejado, pago, recrutado e colocado, de alguma forma, à disposição deles. Ou entendiam, mas, em seu desespero, não se importavam. (Butler, 2020, p. 19)

Esse tratado, então, é colocado como uma cooperação entre espécies para uma convivência pacífica. O resultado, porém, é a falta de autonomia sobre os próprios corpos e sobre a movimentação em um ambiente que é, na realidade, ameaçador. Não mais tratados como animais, mas colocados em uma posição de objetificação. T’Gatoi é uma líder política altamente influente na relação entre espécies, lidando diretamente com o contato entre humanos e Tlics. Seus métodos para uma boa relação, porém, incluem a utilização de humanos como moeda de troca e símbolos de status para a parte da raça Tlic que a apoia:

“T’Gatoi era perseguida no exterior. Seu povo queria que mais de nós estivéssemos disponíveis. [...] Ela nos repartia entre os desesperados e nos vendia para os ricos e poderosos em troca de apoio político. Portanto, éramos itens necessários, símbolos de status e de um povo independente.” (Butler, 2020, p. 19)

O fim da infância de Gan acontece quando ele presencia um homem humano no processo de “parto” sem sua companheira Tlic por perto. Esse processo, sem auxílio, torna-se violento e o homem começa a ser consumido pelas crias dentro de seu corpo. T’Gatoi procura ajudar o desenvolvimento do “parto” com a ajuda de Gan, que começa a questionar a priorização das crias em detrimento da saúde física e mental do homem: “Com cuidado, T’Gatoi pegou a larva que se contorcia e olhou para ela, ignorando, de alguma forma, os terríveis gemidos do homem.” (Butler, 2020, p. 30). A imagem de extremo desconforto e sofrimento vai de encontro com a noção de um processo romantizado que o menino mantinha, construído a partir de histórias contadas pela própria T’Gatoi sobre a reprodução Tlic: “Durante toda minha vida me disseram que isso era uma coisa boa e necessária que os Tlics e os terráqueos faziam juntos, uma espécie de parto. Eu tinha acreditado... até aquele momento.” (Butler, 2020, p. 31). Gatoi explica a reprodução para Gan através de gráficos e esquemáticos, mas não é completamente honesta acerca dos riscos e possíveis sofrimentos no corpo humano.

O silêncio que envolve o ato reprodutivo e os riscos da procriação mantém Gan em uma situação desigual, incapaz de tomar decisões conscientes sobre o próprio corpo e futuro sem todas as informações disponíveis sobre a gravidade do que aceitaria vivenciar. Essa falta de comunicação clara e honesta marca a infância de Gan com visões romantizadas e ingênuas sobre amor, relacionamento e autonomia corporal. Quando confrontado com a realidade, muito diferente do que foi discutido previamente, Gan passa a compreender melhor sua vulnerabilidade e sai da infância mal informada.

2.1 - Questões de gênero

Pensando no aspecto corporal da reprodução entre espécies, Butler introduz o conceito de “homem grávido” e, assim, desafia ideias normativas de gênero e vulnerabilidade. “O termo gênero é, na verdade, a representação de uma relação, de pertencimento a uma classe, grupo, categoria.”⁴ (Lauretis, 1987, p. 4, tradução minha), ou seja, Gan faz parte de uma classe, ou grupo, de pessoas que apresenta pouca autonomia corporal, tem sua reprodução assistida pelo Estado e uma sexualidade controlada. Seu corpo é uma construção, desde a infância, com objetivo reprodutivo “ –

⁴ “The term gender is, actually, the representation of a relation, that of belonging to a class, a group, a category.” (Lauretis, 1987, p.4)

Você está melhor – disse [T’Gatoi] desta vez, me examinando com seis ou sete de seus membros. – Finalmente está ganhando peso. A magreza é perigosa.” (Butler, 2020, p. 18). T’Gatoi examina e controla o peso de Gan não apenas por uma preocupação com o bem estar geral do menino, mas por se preocupar com o momento de implantar seus ovos naquele corpo hospedeiro. O corpo de Gan, portanto, tem um propósito específico e é altamente controlado pela representação do Estado dentro do núcleo familiar. “Quando ‘mulher’ emerge através da metáfora de um menino grávido, como acontece em Filhos de Sangue, somos convidados a examinar e a questionar nossa compreensão da construção de gênero.”⁵ (Helford, 1994, p. 261, tradução minha).

As representações de gênero em “Filhos de sangue”, portanto, são um convite para reexaminar noções ultrapassadas e limitantes de homem e mulher, sexualidade, gestação e amor. Fatores sociais e políticos são imprescindíveis para compreender a construção de gênero de Butler, uma vez que esta coloca a influência do Estado e as relações hierárquicas como analogias centrais em seu conto: “Embora os significados variem de acordo com cada cultura, um sistema de sexo e gênero está sempre intimamente interligado com fatores políticos e econômicos em cada sociedade.”⁶ (Lauretis, 1987, p. 6, tradução minha).

Na cultura Ocidental, é muito comum relacionarmos movimentos de passividade, flexibilidade e brandura com corpos e emoções femininas, enquanto a masculinidade é associada com dureza, força e racionalidade (Ahmed, 2014, p. 4). Gan, ao compreender melhor sua situação de vulnerabilidade, expõe seus sentimentos para T’Gatoi e exige respostas antes silenciadas: “– Que gosto o sangue terráqueo tem para você? – Ela não respondeu. – O que você é? – murmurei. – O que somos para você?” (Butler, 2020, p. 39). Apesar de abalado com a situação, Gan consegue chamar Gatoi para uma conversa franca; ela, por sua vez, procura responder às perguntas ainda a partir de um posicionamento racional e controlado, com o intuito de não assustar o menino:

– Eu não quero ser um animal hospedeiro – eu disse. – Nem mesmo para você.

⁵ “When ‘woman’ emerges through the metaphor of an impregnated Young boy, as it does in 'Bloodchild', we are invited to examine and challenge our understanding of the construction of gender.” (Helford, 1994, p. 261)

⁶ “Although the meanings vary with each culture, a sex-gender system is always intimately interconnected with political and economic factors in each society.” (Lauretis, 1987, p. 5)

Ela levou muito tempo para responder.

– Quase não usamos animais hospedeiros atualmente – respondeu ela. – Você sabe disso.

– Vocês nos usam.

– Usamos. Esperamos muitos anos por vocês, ensinamos vocês e unimos nossas famílias às suas. – Ela se moveu, inquieta. – Você sabe que, para nós, os humanos não são animais. (Butler, 2020, p. 40)

Apesar de uma resposta aparentemente emocional, T’Gatoi não mostra evidências de que entende os seres humanos como mais que animais, muito menos como iguais aos Tlics. Suas respostas são evasivas, contendo apenas partes do que Gan quer ouvir, e, em outros momentos, ela silencia. Essa conversa situa o ser masculino como emocional e fragilizado, e o ser feminino como distante e manipulador, sendo uma perspectiva que foge à normatividade de discursos ocidentais tradicionais. Esse confronto é de extrema importância para o amadurecimento de Gan, que, em sua fragilidade, tem coragem de se expor e exigir um tratamento diferente da parceira. T’Gatoi demonstra uma preocupação com a possível negação de Gan de gestar suas crias, além de uma pressa para reproduzir-se. Ela, então, ameaça descartá-lo como parceiro e utilizar o corpo de irmã mais velha para a implantação:

–Você realmente preferiria morrer a carregar minhas crias, Gan?

Não respondi.

– Devo recorrer a Xuan Hoa? (Butler, 2020, p. 40)

A ameaça de utilizar o corpo de Xuan Hoa para a implantação atinge Gan em dois níveis: o primeiro, advindo do trauma que acabara de passar ao assistir ao parto de um Tlic, era inevitável que pensasse nos riscos que sua irmã mais próxima passaria para gestar as crias de T’Gatoi. O segundo, e de mais peso, é o medo de ser abandonado pela companheira alienígena e o ciúme de vê-la escolhendo outra pessoa para um ato tão íntimo e importante. Apesar das políticas de controle e ameaças, Gan ama T’Gatoi e passa a maior parte da vida enxergando apenas o afeto que permeia sua relação. Seu entendimento amadurecido após o trauma não apaga o carinho que nutre pela companheira, mas traz consigo mudanças na dinâmica entre os dois. A luta por uma vida e uma relação mais igualitária com os companheiros Tlic leva Gan a confrontos difíceis, mas necessários, com a parceira. De acordo com Judith Butler (2019):

Assim, esses conjuntos plurais de direitos, direitos que devemos encarar como coletivos e corporificados, não são modos de afirmar o tipo de mundo onde cada um de nós deveria ser capaz de viver; em vez disso, eles emergem de um entendimento de que a condição de precariedade é diferencialmente distribuída, e que tanto a luta como a resistência à precariedade têm que estar baseadas na reivindicação de que as vidas sejam tratadas igualmente e que sejam igualmente vivíveis. (Butler, 2019, p.76)

Essa resistência a que Judith Butler se refere aparece em uma discussão entre Gan e T’Gatoi. Esse embate começa com uma conversa acerca de armas de fogo, que não são permitidas dentro da Reserva por já terem sido utilizadas para machucar os alienígenas e representarem um perigo para a “política da boa convivência”. A família de Gan, entretanto, possui algumas armas para caça e proteção sem o conhecimento de T’Gatoi, ou seja, sem o conhecimento do Estado. No momento em que o humano aparece na casa da família pedindo ajuda com o seu “parto”, Gan precisa utilizar uma das armas para matar um animal selvagem e dar-lhe de alimento para as crias que consumiam a carne humana. Gatoi, portanto, toma conhecimento da existência da arma e, como representante do Estado Tlic, tenta tirá-la da família:

Ela agarrou o cano da espingarda, mas eu não quis soltá-la. Fui puxado até ficar em pé, acima dela.

– Deixe-a aqui! – repeti. – Se não somos seus animais, se isso é coisa de adulto, aceite o risco. Há um risco em lidar com um parceiro, Gatoi.

(Butler, 2020, p. 42)

Esse chamado de Gan para uma relação com regras mais igualitárias marca uma grande mudança nas posições hierarquizadas de ambos. A arma, como objeto capaz de machucar os corpos dos alienígenas, é um símbolo de uma tomada parcial de poder, ainda que de forma ilegal, de uma população vulnerável e desamparada. O pedido para que Gatoi deixe o objeto em seu lugar é um pedido de nivelamento da relação e, principalmente, de confiança. Ainda que o fato dos humanos possuírem uma arma não mude completamente o privilégio de Gatoi ou a vulnerabilidade dos humanos em um ambiente hostil e controlado, é um passo para que Gatoi abra mão do controle e fique, pela primeira vez, sujeita a uma ameaça velada. De acordo com Bell hooks, “Não pode haver amor sem justiça” (Hooks, 2021, p. 62), e o pedido de Gan é uma busca por um pouco de justiça, confiança e parceria.

2.2 - Sexualidade controlada

O processo sexual entre espécies em “Filhos de sangue” coloca, principalmente, homens como corpos hospedeiros de ovos Tlic. Isso é feito com o objetivo de deixar que mulheres humanas possam gestar crianças humanas, ou seja, as próximas gerações de corpos hospedeiros para serem usados pela raça alienígena. A implantação acontece através de um membro que penetra o corpo hospedeiro e insere os ovos, que, posteriormente, eclodem. Essa implantação pode ser considerada um ato sexual, uma vez que é um processo prazeroso e íntimo:

Senti a ferroada familiar, narcótica, ligeiramente agradável. Então, a sondagem cega de seu ovipositor. A perfuração foi indolor, cômoda. Penetrando com facilidade. Ela ondulava lentamente encostada em mim, os músculos dela forçavam o ovo a sair de seu corpo para dentro do meu. (Butler, 2020, p. 43)

A forma como o processo acontece, colocando o homem na posição de ser penetrado, e o ser feminino na posição de penetrador, é uma maneira de fazer o leitor repensar suas ideias sobre sexualidade e gênero. A mudança dos humanos para um planeta com novas regras de sexualidade e combinação genética é uma invocação para uma revolução na maneira de pensar a reprodução. De acordo com Paul Preciado, “[...] poderíamos ter ingressado em qualquer outra sexualidade sob um regime diferente de saber, poder e desejo” (Preciado, 2022, p. 17). O deslocamento humano faz com que estes precisem se adaptar a novas formas de praticar a própria sexualidade e identidade sexual.

As sexualidades são como as línguas: sistemas complexos de comunicação e reprodução da vida, construtos históricos com genealogias e inscrições bioculturais em comum. E, tal como as línguas, podem ser aprendidas. É possível falar várias línguas. (Preciado, 2022, p.17)

A comunicação a qual Preciado se refere pode ser entendida tanto no âmbito social (linguístico e cultural), quanto corporal. No caso das espécies humana e Tlic, essa comunicação, em um primeiro contato, ocorre no nível corporal. Os corpos Tlic apresentam prazer com o calor dos corpos humanos, e, por sua vez, retribuem esse prazer com os ovos e ferroadas alucinógenos que também são prazerosos para a outra espécie. Ainda que sem uma comunicação linguística e social, os corpos comunicam-se ao toque. A espécie Tlic procura os humanos pelo prazer que o corpo terráqueo oferece,

enquanto os humanos são controlados química e violentamente. A relação, desde o primeiro contato, é desigual.

Com o passar dos anos, é estabelecida uma comunicação social e cultural entre as espécies, o que permitiu a formação dos acordos já mencionados para a sobrevivência e coabitação humana no planeta Tlic. Essa comunicação, porém, é feita sem a intenção de uma equivalência de poder entre as espécies. A sexualidade nesse âmbito, portanto, é marcada por claros sinais de controle e coerção, uma vez que a espécie Tlic pede uma pessoa de cada família humana para gerar a próxima geração alienígena em troca da “proteção” das Reservas. As espécies aprendem uma com a outra e trocam experiências, mas a sexualidade e a reprodução são regidas por um Estado invasivo e controlador: “A reprodução exige sempre uma coletivização do material genético de um corpo através de uma prática social mais ou menos regulada” (Preciado, 2022, p.76). Essa disparidade hierárquica constitui uma questão ética na convivência entre corpos terráqueos e alienígenas. A regulamentação feita em um tipo de corpo, e não em outro, assim como em um tipo de configuração familiar e não em outras, denota um ponto ético importante para ser considerado. Como coabitar e se relacionar socialmente com corpos, vivências e culturas tão diferentes? Para Judith Butler:

Na minha visão (que com certeza não é só minha), a vida do outro, a vida que não é a nossa, também é nossa, uma vez que, qualquer sentido que a “nossa vida” tenha, deriva precisamente dessa sociabilidade e já é, desde o início, dependente de um mundo de outras vidas, constituídas em - e por - um mundo social. Nesse sentido, com certeza existem outros, distintos de mim, cujas reivindicações éticas sobre mim não podem ser reduzidas a um cálculo egoísta de minha parte. Mas isso acontece porque estamos, ainda que sejamos distintos, ligados um ao outro e a processos vivos que vão além da forma humana. (Butler, 2019, p. 120)

Dessa forma, uma coabitação e socialização ética entre as espécies seria possível através de acordos que não partissem de um pressuposto egoísta ou uma regulamentação desigual das vidas ali presentes: “as nossas obrigações éticas se estendem àqueles que não estão próximos em nenhum sentido físico e que não têm que ser parte de uma comunidade reconhecível à qual ambos pertencamos.” (Butler, 2019, p. 118). Os acordos feitos entre as espécies do conto, porém, partem de um desejo de preservação das próximas gerações tli e do próprio prazer, assim como de um instinto de preservação da humanidade, e uma procura por segurança. São acordos baseados em

coerção e medo, não em uma busca por igualdade e justiça, nem mesmo estruturados em uma movimentação empática.

Em outro ponto, é importante também pensar nas adaptações e enredamentos linguísticos de uma troca entre espécies. Ao falar sobre a relação de T’Gatoi com seu pai, Gan diz: “Ela tinha sido tirada da carne de meu pai quando ele tinha a minha idade.” (Butler, 2020, p. 45), ou seja, dizer que seu pai é, também, pai de T’Gatoi não abrange a complexidade dessa nova maneira de reprodução. Apesar disso, Gatoi foi gerada dentro do corpo humano do pai de Gan, e ignorar essa relação é apagar uma conexão e familiaridade importantes para as personagens. Dessa forma, termos como “pai” e “mãe” tornam-se limitantes e obsoletos no novo paradigma de combinação entre espécies. A própria linguagem precisa ser atualizada para compreender a realidade de culturas que se misturam e se influenciam mutuamente.

A forma de reprodução proposta por Butler coloca pessoas XY na posição de gestar seres dentro de si, de uma maneira que, até então, não seria possível sem a mistura com uma corporalidade “outra”, alienígena. A imagem de ovos e, posteriormente, larvas crescendo dentro do corpo humano invoca a sensação de seres estrangeiros parasitando, colonizando, invadindo. Octavia Butler baseia essa reprodução em moscas-varejeiras, que põem ovos em ferimentos abertos pela picada de outros insetos: “Achei a ideia de uma larva vivendo e crescendo sob minha pele, comendo minha carne enquanto crescia, tão intolerável, tão assustadora, que não sabia como poderia suportar aquilo se acontecesse comigo”⁷ (Butler, 2020, p. 47). Essa maneira de reprodução é um comentário sobre a falta de autonomia corporal e a posição de vulnerabilidade da espécie humana, uma vez que o corpo humano, apesar de conseguir alimentar e gestar essas crias, não é preparado para retirá-las de si sem perecer:

Nessa fase, a larva comeria qualquer carne, exceto a da própria mãe. Deixada ali, continuaria excretando os venenos que não só causaram a doença como alertaram Lomas. Por fim, teria começado a comer. Quando tivesse aberto uma saída em Lomas, o homem estaria morto ou moribundo e seria incapaz de revidar daquela coisa que o estava matando. Sempre havia um intervalo entre o momento em que o hospedeiro adoecia e o momento em que as larvas começavam a comê-lo. (Butler, 2020, p.30)

⁷ A edição de Filhos de sangue e outras histórias (2020) utilizada como base para esse trabalho contém notas da autora Octavia E. Butler ao final de cada conto. Esse trecho é retirado de uma dessas notas, referente ao conto “Filhos de sangue”.

Para retirar os ovos, ou as larvas quando a reprodução já está em estado avançado, é necessário que o parceiro Tlic faça uma abertura no corpo humano e as retire manualmente, com auxílio das ferroadas alucinógenas para mascarar a dor do processo. Desde o momento de implantação até a retirada das crias, as ferroadas são utilizadas para apaziguar as reações desagradáveis dos corpos humanos aos corpos invasores. É um momento, portanto, de grande vulnerabilidade corporal e afetiva, uma vez que o corpo humano não consegue fazer o processo de expulsão sozinho, torna-se completamente dependente de auxílio Tlic para a própria sobrevivência: “– Nunca conheci um terráqueo que viu um nascimento e aceitou bem” (Butler, 2020, p. 44), T’Gatoi diz isso para Gan logo após ele presenciar o processo traumático que ocorre com Lomas, e a utilização da palavra “nascimento” é mais um exemplo da manipulação da linguagem como forma de romantizar e até “humanizar” a retirada de larvas do corpo humano, para que Gan percebesse o ato como familiar e menos assustador. Contudo, a própria Gatoi admite que nenhum terráqueo reage bem ao assistir o processo, ou seja, é uma experiência complexa e difícil, apesar da convivência entre espécies acontecer há algumas gerações.

Essa falta de familiaridade com o processo de reprodução e dificuldade de lidar com o trauma são provenientes da falta de informações claras acerca da violência sofrida pelos corpos hospedeiros de crias Tlic: “–Terráqueos deveriam ser poupados de vê-los.” (Butler, 2020, p. 44). Gatoi continua acreditando em uma política de silenciamento e desinformação, mantendo os humanos alheios aos riscos da reprodução entre espécies. Essa atitude perpetua uma noção falsa de escolha, uma vez que não é possível escolher sem a ciência do que essa escolha significa e suas consequências, além da obrigatoriedade de um humano por família tornar-se hospedeiro de crias Tlic, isto é, a escolha sobre a própria reprodução, corporalidade e integridade física é apenas uma ilusão: “Quando alienígenas controlam o seu destino tão completamente quanto os Tlic controlam os humanos, eu chamo de escravidão”⁸ (Helford, 1994, p. 266, tradução minha).

Ainda sobre a falsa sensação de autonomia de decisão sobre o próprio futuro, é importante reconhecer outra ameaça velada presente na relação entre T’Gatoi e Gan: se o menino recusar ser hospedeiro das crias Tlic, Gatoi tem como opção tomar o corpo da

⁸ “When aliens control your destiny as fully as the tlic control the humans, I call it enslavement.” (Helford, 1994, p. 266)

irmã mais velha, Xuan Hoa, como substituto. O peso sobre o futuro da irmã, que não poderia, pelo menos por algum tempo, formar uma família humana própria, além da possibilidade de perder a atenção e afeição de Gatoí fazem com que Gan precise ceder às exigências da alienígena:

T’Gatoí deixa claro para Gan que ele deve se submeter às suas exigências reprodutivas ou ela tomará sua irmã, Xuan Hoa. Ela promete cuidar de Gan e garantir que o “nascimento” de seus filhos não o mate nem lhe cause muita dor; no entanto, a ameaça de estupro de sua irmã está por trás dessa promessa.⁹ (Helford, 1994, p. 266, tradução minha).

Ao ceder à pressão de Gatoí, Gan passa a se questionar se a afeição da alienígena por ele é genuína, ou apenas um meio para a realização da reprodução, que parece ser a principal força motivadora de Gatoí e sua prioridade:

– Vou implantar o primeiro ovo hoje à noite - ela disse, enquanto eu colocava a arma de lado. – Ouviu, Gan?

(...)

– Ouvi.

– Agora!

Deixei que ela me empurrasse para fora da cozinha, depois caminhei na frente dela em direção ao meu quarto. A urgência repentina em sua voz parecia verdadeira.

– Você teria feito com Xuan Hoa hoje! – acusei

– Tenho que fazer com alguém hoje.

Parei, apesar da urgência dela, e fiquei em seu caminho.

– Você não se importa quem seja?

(Butler, 2020, p. 42-43)

T’Gatoí não responde o questionamento de Gan sobre a importância de quem carregaria seus ovos, e, apesar da irritação que sente, Gan cumpre seu papel de submissão frente às vontades dela. Sua falsa sensação de escolha, e um risco fora de seu controle, Gan aceita ser hospedeiro e, frente à pequena concessão de Gatoí (que a família permanecesse com a arma ilegal), cede ao destino escolhido para ele desde seu nascimento.

⁹ “T’Gatoí makes it clear to Gan that he must submit to her reproductive demands or she will take his sister, Xuan Hoa. She promises to care for Gan and to ensure that the ‘birth’ of her children will not kill him nor cause him overmuch pain; however, the threat of the rape of his sister is behind this promise. (Helford, 1994, p.266)

Uma forma de busca por mais equidade nas relações afetivas entre espécies seria a clareza dos riscos enfrentados nos processos de reprodução regulamentada, auxílio durante os processos e conversas honestas sobre o significado e as consequências da gestação de ovos e larvas Tlic. Ainda assim, não poderíamos chamar a relação de justa, uma vez que a possibilidade de escolha entre gestar ou não as crias continua pautada em um ambiente regrado e hostil, imbuído de ameaças veladas e violência. A informação acerca da sexualidade e reprodução traria, ao menos, uma consciência maior do que esperar durante o processo, e abriria uma comunicação sobre o que é necessário fazer para o maior conforto dos corpos humanos utilizados. Gan sugere à T’Gatoi um embate mais franco no futuro, de modo que os humanos possam compreender melhor sua situação no planeta Tlic:

– Terráqueos deveriam ser poupados de vê-los (os processos sexuais).

Não gostei de como aquilo soou e duvidei que fosse possível.

– Poupados, não – falei. – Expostos a eles. Expostos quando somos crianças pequenas e expostos mais de uma vez. Gatoi, nenhum terráqueo vê nascimentos bem-sucedidos. Tudo que vemos são N’Tlics... dor, horror e talvez morte.

(Butler, 2020, p. 44)

A sugestão de Gan serve para aplacar a falta de informação e, assim, naturalizar o processo de gestação e “parto”. Gan passa a compreender que a ignorância à qual estava submetido não é a melhor forma de construir uma relação de parceria, e sua resposta às experiências traumáticas é refletir sobre possíveis mudanças para um futuro melhor para a espécie humana. O acesso à informação é um primeiro passo para a autonomia, uma vez que ações feitas sem o conhecimento de suas consequências não podem ser consideradas decisões conscientes, ou uma real forma de consentimento. Gan deixa de ser um menino alheio a sua situação de vulnerabilidade, e passa a ser um jovem que advoga pelo direito de compreender as sexualidades, reproduções e riscos de cada decisão.

Conclusões finais

Octavia E. Butler desbrava territórios onde as dinâmicas entre humanos e “Outros” expõem questões profundas sobre opressão, identidade e adaptação. Para ela, o encontro com o “Outro”, ou seja, com uma espécie alienígena ou uma manifestação

simbólica do diferente, representa um desafio ético-moral e existencial, em que os limites da humanidade são questionados. Butler utiliza analogias para questionar ideias estabelecidas de amor, gênero e sexualidade, levando o leitor a uma reflexão profunda sobre o próprio posicionamento no mundo. Seus contos são como um espelho distorcido e disforme de nossa sociedade.

As relações em “Filhos de sangue” revelam as questões da convivência entre espécies muito distintas, mas que precisam coabitar um mesmo ambiente. Falar sobre os acordos impostos nesse contexto é chamar o leitor a uma reflexão crítica das esferas de poder que permeiam essas relações, e compreender que os afetos podem ser múltiplos e contraditórios. Sua relação com o ambiente familiar e as relações nele construídas borram os limites entre afetividade e regulamentação, amor e controle. É possível criar relações significativas e duradouras em contextos de disparidades hierárquicas e vulnerabilidades, contanto que essas questões sejam abordadas com honestidade. A busca por justiça dentro das relações pode ser frutífera a partir de embates francos sobre os próprios posicionamentos sociais e privilégios, além de uma clareza acerca das ameaças à própria integridade física e corporal. O conhecimento sobre os riscos a que nos submetemos ao nos relacionarmos é a única forma de fazer escolhas conscientes sobre o próprio futuro, ainda que essas escolhas continuem contendo atribuições e desvantagens.

A violência, ou ameaça desta, em ambientes comumente seguros e confortáveis serve como alegoria para repensar relações afetivas muitas vezes não questionadas. O ambiente familiar é um ambiente regulamentado e com influência estatal, e é importante esse reconhecimento. O Estado tem o poder de legitimar relações afetivas, influenciá-las e manipulá-las, e a distinção entre o que é reconhecido, e o que não é, delimita as vulnerabilidades impostas de um regime. Em um Estado controlador, mais relações e corpos serão regulamentados e manipulados por uma construção social.

De forma paralela, também podemos dizer que o gênero é uma construção social e cultural. Corpos marcados por um estabelecimento de regras estão sujeitos às categorizações de vulnerabilidade ou privilégio. Nesse caso, humanos hospedeiros possuem marcas de vulnerabilidade por se encontrarem em situação de risco e falta de autonomia sobre a própria vida. São corpos, portanto, vulneráveis. Já os corpos Tlic, de três metros e múltiplos membros, que penetram e possuem o poder de decisão sobre a própria reprodução, são marcados com o privilégio da regulamentação e cuidado

estatais. Butler consegue fazer essa distinção em um mundo com regras diferentes da normatividade Ocidental, muitas vezes invertendo papéis estabelecidos, mas, ainda assim, mantendo claro a discrepância entre oprimido e opressor. É um convite à reflexão sobre nossas próprias limitações culturais e sociais.

Os termos utilizados no conto também demonstram como a linguagem pode ser utilizada como ferramenta de opressão, reforçando manipulações e romantizando processos difíceis e doloridos. É de extrema importância compreender que termos como “homem” e “mulher”, ou “pai” e “mãe”, não abrangem a complexidade social proposta pela autora, tornando-os ultrapassados. É preciso renovar a linguagem, refletir suas limitações, acessar suas manipulações e alcançar àqueles antes deixados à margem.

Outra reflexão necessária é o silenciamento de questões frente a infância e a juventude. A falta de informação é um convite para uma ingenuidade perigosa, pois coloca o sujeito em completa dependência de outros, bem intencionados ou não, e incapaz de formalizar decisões importantes acerca da própria vida. O aprendizado a partir da experiência tem seu valor, mas, quando única fonte de conhecimento, representa um despreparo perante situações potencialmente arriscadas. O silenciamento de questões como sexo, reprodução, afetividade e relações hierárquicas é um convite para experiências traumáticas e consequências avassaladoras.

A busca por uma relação mais justa entre espécies depende de diversos fatores, como uma comunicação clara e honesta, equidade nos direitos corporais e de reprodução, e autonomia de decisões sobre o próprio destino. As relações retratadas no conto de Butler não possuem esses fatores, apesar de uma movimentação para um maior equilíbrio no futuro. Entretanto, são relações marcadas por afetos e diferentes maneiras de companheirismo. Butler demonstra que o amor pode ter várias formas (irmandade entre Gan e Hoa, maternidade entre Lien e Gan, familiaridade entre Gan e Gato), ainda que em ambientes opressivos e controlados.

Referências

AHMED, Sara. *The cultural politics of emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. Tradução: Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens - 3 edição - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019

BUTLER, Octavia E. *Filhos de sangue e outras histórias*. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Morro Branco, 2020.

CVETKOVICH, Ann. *An archive of feelings: trauma, sexuality, and lesbian public cultures*. Carolina do Norte: Duke University Press Books, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I*. Tradução: Maria Theresa da Costa Albuquerque e J. A. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HAMPTON, Gregory Jerome. *Changing bodies in the fiction of Octavia Butler: slaves, aliens and vampires*. Maryland: Lexington Books, 2010.

HELFORD, Elyce Rae. "Would you really rather die than bear my young": *The construction of gender, race and species in Octavia E. Butler's "Bloodchild"*. Indiana: Indiana University Press, 1994.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. *Imagem violência: etnografia de um cinema provocador*. São Paulo: Terceiro nome, 2012.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

LAURETIS, Teresa de. *Technologies of gender: essays on theory, film and fiction*. Indiana: Indiana University Press, 1987.

PRECIADO, Paul. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul. “Reprodução politicamente assistida e heterossexualismo de Estado”. In: *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 74-82.

SARGISSON, Lucy. *Contemporary Feminist Utopianism*. Taylor & Francis e-library, 2003.